

# O MORAR NO PAJEÚ: a casa de fazenda novecentista

*LIVING IN PAJEÚ: the 19th century farmhouse*

NEUENSCHWANDER JUNIOR, Walter Otto; aluno mestrado; UFPE;

[otto.neuenschwander@ufpe.br](mailto:otto.neuenschwander@ufpe.br).

CASTILLO, Leonardo Augusto Gómez; Doutor; UFPE;

[leonardo.castillo@ufpe.br](mailto:leonardo.castillo@ufpe.br).

ALENCAR, Adailton Laporte de; Doutor; UFPE;

[adailton.alencar@ufpe.br](mailto:adailton.alencar@ufpe.br).

## Resumo

O presente artigo faz uma análise do morar no sertão do Pajeú (Pernambuco), a partir do inventário e análise de casa sede de fazendas dos anos 1900, tema da pesquisa de mestrado do autor. O sertão do Pajeú se localiza no planalto da Borborema e foi historicamente uma importante rota de penetração no território. A região é caracterizada pelo bioma caatinga e pelas chuvas irregulares, sendo a criação de gado a principal atividade econômica da região e das fazendas pesquisadas. Procuramos a partir do inventário de 5 casas sede de fazenda, analisar a arquitetura e o design do mobiliário e traçar um panorama da vida cotidiana dessas moradias.

**Palavras-chave:** Sertão do Pajeú; Casas sede de fazendas; Mobiliário de casas de fazenda

## Abstract

*This article analyzes living in the backlands of Pajeú (Pernambuco), based on the inventory and analysis of farmhouses from the 1900s, the subject of a master's degree research. The Pajeú hinterland is located on the Borborema plateau and was historically an important route of penetration into the territory. The region is characterized by the caatinga biome and irregular rainfall, with cattle raising being the main economic activity in the region and on the farms surveyed. We sought, from the inventory of 5 farmhouse houses, to analyze the architecture and furniture design and draw an overview of the daily life of these houses.*

*Keywords:* Sertão do Pajeú; Farmhouses; Farmhouse Furniture

## 1 Introdução

Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, a ser defendida proximamente, a pesquisa inventariou e analisou 5 casas sede de fazenda do sertão do Pajeú.

A pesquisa levantou dados arquitetônicos destas moradias, tais como implantação, programa de necessidades, zoneamento interno, materiais e métodos construtivos. O mobiliário, os objetos de uso cotidiano e a iconografia das casas também foram levantados, assim como foram

realizadas entrevistas semi-estruturadas para procurar relacionar o estilo de vida dessas casas com o patrimônio material.

Os estudos que abordam a arquitetura rural em Pernambuco são escassos e priorizam fortemente a arquitetura dos engenhos, do próspero litoral. O sertão, ligado principalmente a criação de gado, atividade que, diferentemente da agroindústria do açúcar, não necessita de construções elaboradas, ficou relegado a um segundo plano.

Lucio Costa, em 1937, no artigo “Documentação necessária” defende o estudo mais aprofundado da arquitetura civil brasileira, especificamente a “popular” a seu ver de maior interesse que a “erudita”, já que esta, já contava com alguns estudos. Assim nos fala da arquitetura popular portuguesa trazida ao Brasil pelos mestres e pedreiros “incultos”:

É nas suas aldeias, no aspecto viril das suas construções rurais a um tempo rudes e acolhedoras, que as qualidades da raça se mostram melhor. Sem o ar afetado e por vezes pedante de quando se apura, aí, à vontade, ela se desenvolve naturalmente, adivinhando-se na justeza das proporções e na ausência de "make up", uma saúde plástica perfeita se é que podemos dizer assim. (Costa, 1937, p. 31)

Costa parece estar falando das casas que encontramos até hoje nos sertões nordestinos. Para resgatar e dar visibilidade a estas moradias é que buscamos através de inventários arquitetônicos, junto com um levantamento do mobiliário destas casas e depoimentos de moradores, proporcionar ao leitor um vislumbre da vida cotidiana nestas moradias. Procuramos assim, no entendimento desse amplo contexto, os condicionantes e os formadores da cultura material da região.

## 2 O sertão do pajeú

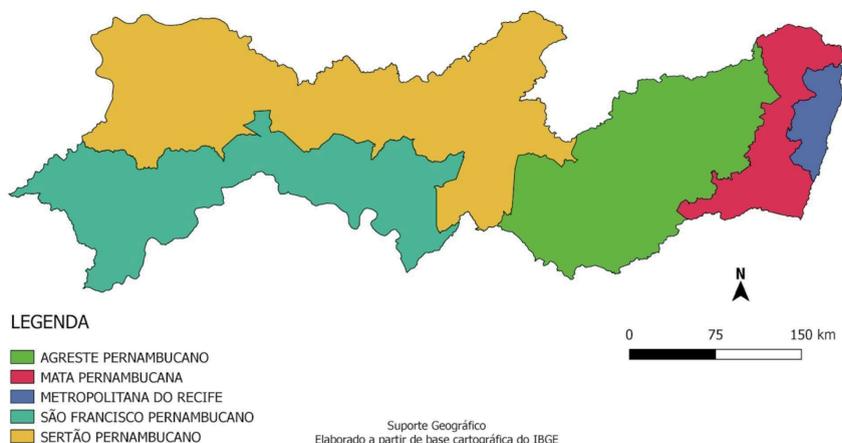
O termo sertão, de acordo com a etimologia, seria oriundo de *desertão*, e segundo os dicionários da língua portuguesa dos séc.XVIII e XIX, existiam duas ideias neste termo: a espacial de interior e a social de deserto, região pouco povoada. Com o passar do tempo, o termo foi sendo naturalizado e para nós, passou a designar uma região específica do semiárido nordestino. Já o Pajeú, é um topônimo Tupi que significa “rio do pajé”.

### 2.1 Geografia

O Estado de Pernambuco divide-se, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em cinco Mesorregiões (fig. 1): Metropolitana do Recife, Mata Pernambucana, Agreste Pernambucano, Sertão pernambucano e São Francisco de Pernambuco.

Figura 1 - Mapa das mesorregiões de Pernambuco

PERNAMBUCO - MESORREGIÕES



Fonte: Geográfico 77<sup>1</sup>

Estas cinco mesorregiões foram subdivididas em dezenove microrregiões para fins de planejamento de desenvolvimento regional. A microrregião do sertão do Pajeú (fig. 2) localiza-se no planalto da Borborema, do tupi “por-por-eyma”, procedente de pora-pora-eyma que significa privado de moradores, sem habitantes (pora).

Figura 2 - Mapa do sertão do Pajeú



fonte: IFPE<sup>2</sup>

A caatinga – cujo nome tem origem Tupi-Guarani e significa “mata branca” devido ao seu aspecto geral de árvores com caule fino e poucas folhas – é o bioma dominante na região, existindo também o brejo de altitude nas serras, que guardam resquícios de mata atlântica com umidade mais elevada.

<sup>1</sup> Disponível em: [www.geografico77.blogspot.com](http://www.geografico77.blogspot.com), acesso em 20 de maio de 2024

<sup>2</sup> Disponível em: [www.ifpe.edu.br](http://www.ifpe.edu.br), acesso em 20 de maio de 2024

## 2.2 A história do sertão do Pajeú

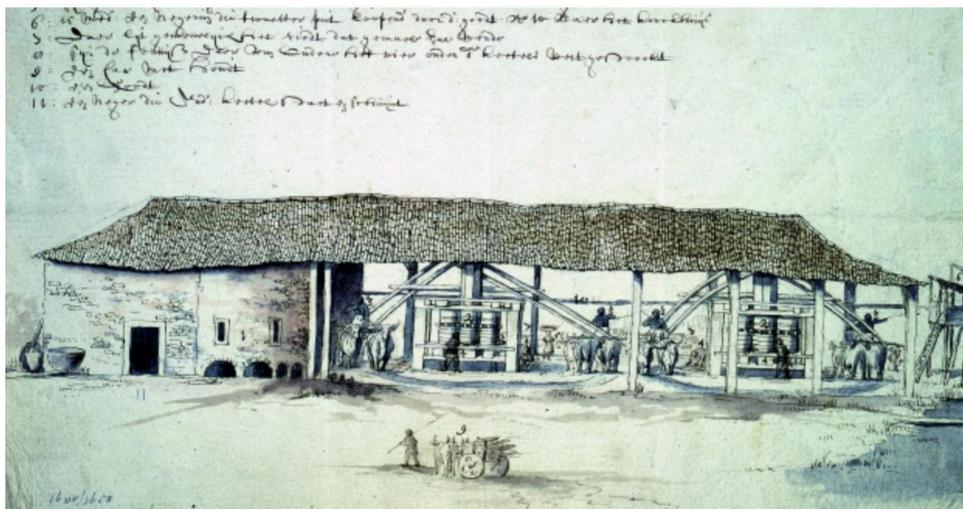
A ocupação do sertão do Pajeú não foi feita a partir de Recife ou Olinda, mas sim a partir da Bahia através do morgado da Casa da Torre, da família Garcia D'Ávila. De lá partiram as entradas exploratórias em direção a Pernambuco, essas entradas, seguiam na maioria das vezes os leitos dos rios. Depois de chegar ao rio São Francisco, o morgado da Casa da Torre, através de seus prepostos, em 1644, subiram o rio Pajeú em direção à Paraíba. Os Garcia d'Ávila tinham como principal atividade a criação de gado, eles foram responsáveis por levar a cultura do gado para todo o sertão do Nordeste.

Além da alimentação – carne e leite –, o gado tinha funções fundamentais nos engenhos de açúcar. A terra era preparada para o plantio com arados movidos pelos bois, o transporte da cana para moagem era feito em carros de boi, assim como o produto acabado era transportado do mesmo modo para os armazéns de açúcar e o porto do Recife. A maioria das moendas de cana era movida por tração animal.

Gerou-se um conflito por espaço entre os criadores e os engenhos, até que em 1701, a coroa portuguesa através de uma carta régia proibiu a criação de gado numa distância de dez léguas(48 quilômetros) da costa, para proteger os interesses dos senhores de engenho, que, diga-se de passagem, eram também os seus.

Dessa forma, o sertão passou a funcionar como fornecedor de carne e leite para alimentação e força motriz para os engenhos do litoral(fig. 3).

Figura 3 - Desenho de engenho de açúcar pernambucano.



Fonte: desenho de um engenho, bico de pena, Frans Post. fonte: Atlas van Stock, Roterdã, 1640.

Essa complementaridade da criação de gado do sertão e a produção açucareira do litoral é fundamental para se compreender o impulso inicial que levou a ocupação da região do sertão do Pajeú.

## 2.3 A identidade nordestina e sertaneja

Até o começo do século passado, a designação Nordeste não existia, o Brasil era dividido em Norte e Sul. Só no final da primeira década de 1900, é que aparece a nomeação Nordeste em um documento oficial, mas não existia ainda uma noção de uma região com história e traços culturais próprios, essa identidade vai sendo construída aos poucos a partir da década de 20.

A formação da identidade sertaneja e nordestina tem no livro “Os Sertões”(1902) de Euclides da Cunha o marco inicial da descoberta do sertão como um território com

particularidades próprias. Em “Os sertões”, como aponta Nísia Lima<sup>3</sup>, a ideia de “dois Brasis” ou de duas “potencialidades de país” aparece claramente delineada, são ressaltados os contrastes e polarizações da sociedade brasileira. Esta estrutura de análise influenciou gerações seguintes de autores como Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. A ideia da “Belíndia” (Bélgica e Índia)<sup>4</sup> e o contraste social, como principal característica do Brasil, é até hoje uma das imagens mais marcantes no pensamento social brasileiro.

A construção das identidades regionais passa forçosamente pelo conceito de fronteira, com o deslocamento progressivo do litoral para o interior do território: o litoral como uma fronteira imaginária com o conhecido, a Europa, e o interior ligado ao desconhecido, as terras inexploradas. No Brasil, a noção de fronteira adquiriu um sentido muito diverso dos EUA: enquanto lá a fronteira representava a expansão populacional do núcleo de origem puritana inglesa para o interior, aqui, desde a primeira colonização, o homem era “fronteiro”, experimentando os hábitos de etnias, de línguas e de outras culturas. Autores como Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Gilberto Freyre(1989) apontam que este homem da fronteira, produto do encontro do português, do indígena e do negro, é identificado muitas vezes com a figura do sertanejo.

Essa perspectiva das fronteiras carrega na sua interpretação uma ambiguidade fundamental: a “civilização” do litoral é uma cultura copiada, artificial, já a “barbárie” do interior, atrasada e isolada, é autêntica, e é onde se encontra o cerne da nacionalidade brasileira. Esse isolamento geográfico e cultural do sertão, como veremos nas análises das casas sede, favoreceu o aparecimento de peculiaridades nas casas e nos mobiliários sertanejos.

Figura 4 - SUASSUNA, Ariano. [A estrada]. 1982. Iluminogravura, gravura sobre papel, 64 x 45 cm.



Fonte: Arte popular Brasil<sup>5</sup>

O Nordeste do teatro de Ariano Suassuna(fig. 4) é o Nordeste sertanejo, diferente de

<sup>3</sup> Nísia Trindade Lima em seu livro “Um sertão chamado Brasil”(1999) faz uma análise do ponto de vista do pensamento social da formação de uma identidade nordestina e sertaneja.

<sup>4</sup>A expressão “ Belíndia”, um país imaginário que era ao mesmo tempo Bélgica e Índia, foi criada em 1974 pelo economista Edmar Bacha, em plena ditadura militar. O censo de 1970 havia revelado um país profundamente desigual, a concentração de renda havia aumentado entre 1960 e 1970, os 10% mais ricos aumentaram em 72% sua renda em uma década. A expressão procurava expor a contradição do milagre econômico brasileiro da década de 70, em que só uma parte privilegiada da sociedade foi beneficiada.

<sup>5</sup> Disponível: <https://artepopularbrasil.blogspot.com/2016/02/ariano-suassuna.html>, acessado em 24 de maio de 2024

Gilberto Freyre por exemplo, centrado na zona da mata açucareira. Ele próprio de origem sertaneja, viveu parte da infância entre o sertão do Pajeú e o Cariri, no sertão paraibano. Sua obra se volta para esse sertão nobre e cheio de encantamentos, ligado diretamente ao passado medieval da península ibérica e seus mitos. Suassuna utilizou as narrativas do cordel como forma de legitimar sua obra através desta forma de narrativa popular. Sua peça “O Auto da Compadecida” foi um marco no teatro nacional tendo em vista que nessa época o teatro se dividia basicamente na tradição dramática de influência italiana e na comédia, o teatro de revista.

A identidade do nordeste é fundamentalmente identificada com o sertão, apesar da grande maioria de sua população viver no litoral, essa ambiguidade já era apontada por Gilberto Freyre em 1989:

A palavra ‘nordeste’ é hoje uma palavra desfigurada pela expressão ‘obras do nordeste’ que quer dizer: ‘obras contra as secas’. E quase não sugere senão as secas...Mas este Nordeste de figuras de homens e bichos de El Greco é apenas um lado do Nordeste. O outro Nordeste. Mais velho que ele é o Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sanchos-pança pelo mel do engenho... (Freyre, 1989, p. 41).

As constatações de Freyre, até óbvias, para quem conhece as grandes capitais da região, foi no entanto, um discurso que uniu a esquerda e os representantes das oligarquias regionais ao longo do séc. XX como forma de reivindicarem tratamento especial para a região.

## 2.4 O povo sertanejo

O autor Frederico Pernambucano de Mello, em artigo publicado em 1979, “O ciclo do gado no Nordeste do Brasil: uma cultura de violência?” aborda o que diferencia a mentalidade do povo sertanejo do povo litorâneo ou “semi litorâneo”. Para Mello, a atividade agrícola do litoral, o ciclo do açúcar, e a atividade da pecuária, o ciclo do gado, criaram mundos com fortes traços diferenciadores – as atitudes, crenças, costumes, atividades profissionais e até mesmo as lúdicas. Segundo ele, a monocultura da cana de açúcar criou uma atividade de caráter coletivo e repetitivas. A regularidade dos fatores climáticos formaram uma atividade economicamente estável e próspera, criando um homem cordato, acostumado a uma hierarquia e a regularidade da vida. Já a cultura do gado, por sua vez, no vastíssimo sertão, no ambiente agressivo da caatinga, onde tudo é insegurança, cria nos indivíduos um sentimento de autonomia, independência e improvisação.

A pecuária sugere o nomadismo, é sempre necessário levar o gado em busca de novas áreas de pasto no semi árido. Os engenhos e depois as usinas eram espaços fixos que atravessavam gerações de proprietários e empregados sem mudanças.

As mesmas características físicas e climáticas que, segundo Mello, formaram o povo sertanejo foram decisivos na forma das primeiras casas da região. Essas moradias eram caixas fechadas com grandes pé direito, com poucas aberturas, um abrigo que garantia a segurança dos habitantes.

## 2.5 A casa do sertão

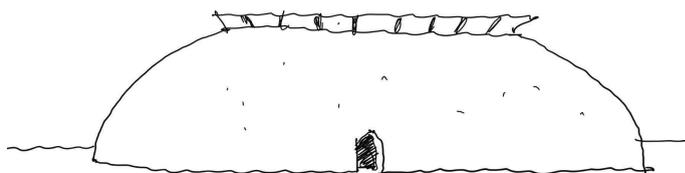
Um aspecto fundamental da arquitetura é a “maneira de fazer”, as técnicas e os materiais utilizados para a materialização da arquitetura. Assim, é natural que nas primeiras construções em uma região até então desconhecida, os portugueses procuraram referências nas técnicas e materiais existentes. Este sincretismo, aconteceu mais fortemente nas zonas rurais, Lemos assim diferencia essas primeiras casas:

Quase sempre é a casa rural que sofre esta influência, porque a arquitetura erudita, com seus estilos e modismos, instala-se inicialmente nas cidades. Ali os intercâmbios com outros povos são mais fáceis, mercê de trocas comerciais, dos contatos diplomáticos e da presença de viajantes e agentes culturais de toda espécie, principalmente daqueles ligados ao clero missionário, um caminho da internacionalização de informações a partir de Roma. Daí se vê que a arquitetura vernácula não é transferida para outras terras por razões compreensíveis, mas a urbana é passível de ser repetida, pelo menos em suas exterioridades, em outras plagas. (Lemos, 1989, p.16)

Essa influência de tecnologias autóctones dos indígenas, como a taipa de mão e as cobertas de palha, foi pouco a pouco diferenciando as casas rurais e as urbanas. As primeiras despojadas dos aspectos estilísticos, voltadas para a funcionalidade, com a construção baseada nos materiais disponíveis. As urbanas, por sua vez, ligadas às origens lusitanas, foram adquirindo ao longo do tempo uma exterioridade portuguesa.

Os sistemas construtivos indígenas resultam sempre em abóbadas e plantas circulares ou elípticas (fig.5). Entretanto, os portugueses, mesmo utilizando os materiais e técnicas da região, foram introduzindo as linhas retas, criando espaços cúbicos e plantas retangulares com a privacidade que não existia nas construções originárias.

Figura 5 - Casa Kamayurá



Fonte: Desenho do autor.

As casas sertanejas guardam dessas primeiras casas a singeleza construtiva e simplicidade volumétrica. As primeiras casas do sertão foram construídas quando os criadores de gado trouxeram a família para junto dos currais, o que não aconteceu num primeiro momento. Esses currais se espalharam pelos sertões, região por si só inóspita, com baixa densidade populacional e com uma atividade de retorno financeiro lento. Entende-se assim, o porquê das casas construídas terem paredes grossas e poucas aberturas – o abrigo e a proteção eram fundamentais.

Tendo em vista o contexto histórico, natural e social do sertão do Pajeú, que nos fez conhecer os aspectos condicionantes e determinantes do nosso recorte, iremos a partir da análise de 5 casas sede de fazendas, identificar aspectos comuns e particularidades dessas moradias.

### 3 A casa de fazenda novecentista

Na rota do gado, pelas terras áspers do sertão, as construções, limitadas em geral à condição de abrigo indispensável, foram se adaptando àquele mundo isolado e às condições rudimentares, tomando novas características, cujas raízes ligadas à terra e a uma subjacente força arcaica que ainda hoje se manifestam (Campelo, 2015, p 126).

Das primeiras casas de fazenda dos sertões, dos séculos XVII e XVIII, pouco restou, a maioria eram construídas em taipa e palha, materiais que não resistiram ao tempo. A partir do século XIX com o aparecimento do tijolo de adobe, tijolo de barro seco ao sol, alguns exemplares chegaram até nós. As casas sede analisadas foram construídas nos anos 1900 e ficam localizadas no alto sertão do Pajeú, nos municípios de Igaracy e São José do Egito.

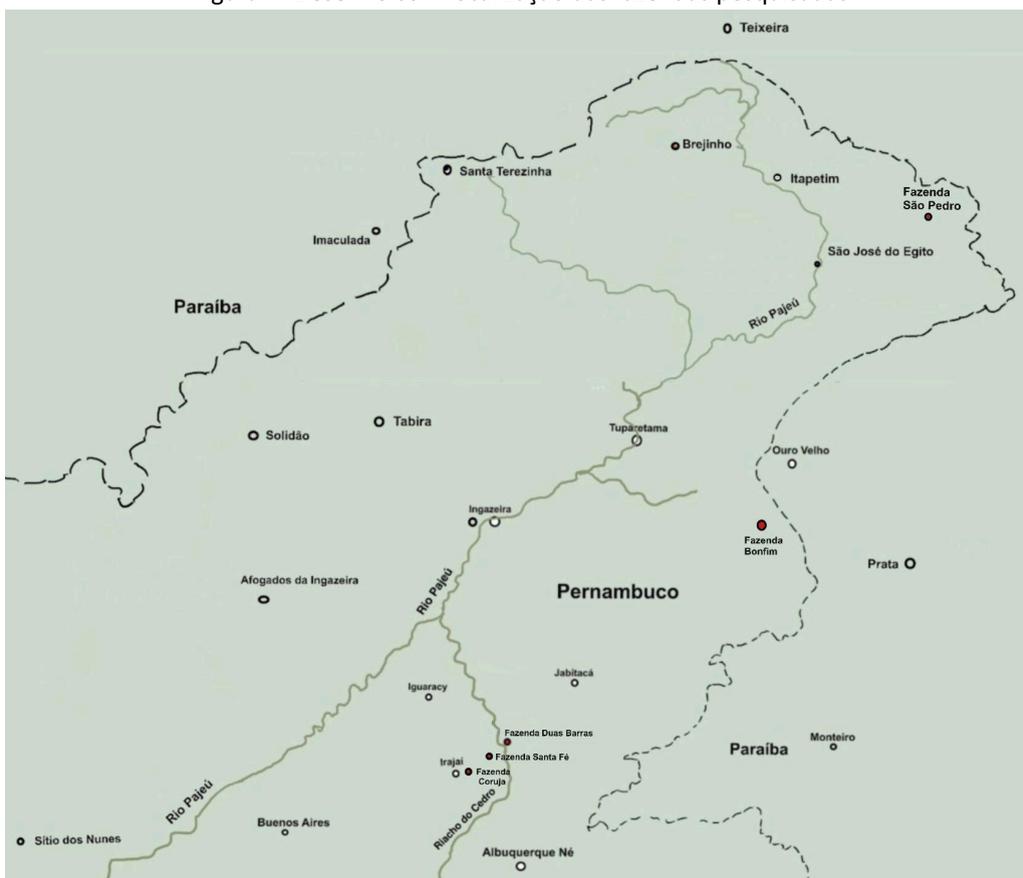
Em cada casa sede pesquisamos os aspectos históricos, os dados físicos da casa através de inventário com mapas, plantas, cortes, fachadas e fotografias. Levantamos também todo o mobiliário com fotos e dimensões, assim como a iconografia e os objetos de decoração. Para relacionar essa cultura material à vida cotidiana fizemos entrevistas semi-estruturadas com moradores e funcionários dessas casas. No município de Iguaracy foram inventariadas as fazendas Duas Barras, Santa Fé e Coruja, em São José do Egito as fazenda São Pedro e Bonfim (fig. 6).

Figura 6 - Desenho das fachadas principais das casas pesquisadas: fazendas São Pedro, Bonfim, Santa Fé, Duas Barras e Coruja.



Fonte: Desenho do autor.

Figura 7- Desenho com localização das fazendas pesquisadas



Fonte: Desenho do autor

### 3.1 O programa de necessidades

O programa das casas sede de fazenda pouco variaram ao longo do tempo, os avanços dos costumes no sertão do Pajeú, devido ao isolamento, aconteceram lentamente. A incorporação dos banheiros ao corpo principal da casa e o aparecimento dos alpendres foram as principais mudanças em relação à casa oitocentista. Podemos agrupar esse programa de necessidades, a

partir das atividades cotidianas nos ambientes, em quatro grupos:

1. Convivência; alpendre e sala de estar
2. Alimentação; cozinha, depósitos e sala de refeições
3. Repouso; quartos e alcovas
4. Higiene; banheiros

Existiam muitas sobreposições de atividades nos ambientes. A sala de refeições, por exemplo, muitas vezes se tornava um espaço de convivência com as refeições alongadas, a conversa continuava já sem nenhuma comida à mesa. Estas casas, que ainda hoje são válidas como arquitetura, eram no entanto, profundamente dependentes de uma grande quantidade de pessoas para funcionarem. Como nos fala Costa das casas coloniais:

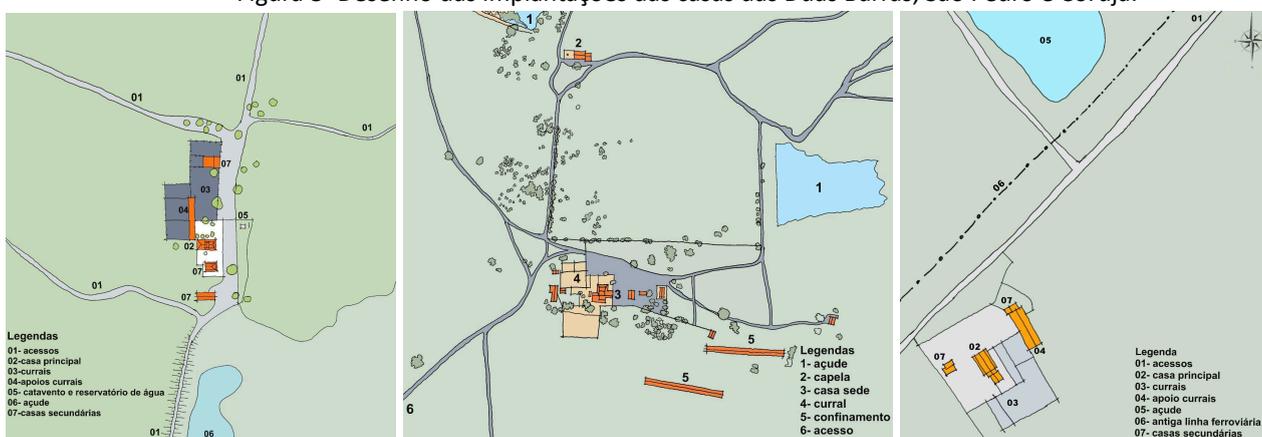
Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havianegro para tudo, desde negrinhos sempre à mão pararecados. até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador. (Costa, 2002.p.107)

Além do preparo do alimento – normalmente para muitas pessoas, já que as famílias eram numerosas – eram inúmeros os procedimentos diários para manter a casa funcionando. Como a mão de obra era barata, este aspecto não consistia em um problema nestas casas, e elas só existiam neste contexto. Hoje, com uma nova realidade social, a manutenção destas casas é difícil e muitas vezes inviável para poucas pessoas.

### 3.2 Implantação

O primeiro aspecto facilmente identificado na implantação das casas de fazenda estudadas é a proximidade com a água. Como as casas são de uma época onde não havia sistemas hidráulicos movidos por eletricidade, a água era transportada dos açudes em carros de boi ou retirada de poços através de cataventos, portanto, essa proximidade era fundamental para criação de gado. A outra alternativa de abastecimento doméstico, normalmente complementar, é o aproveitamento das águas pluviais, armazenadas em cisternas e abastecidas por calhas e bicas que captam as águas dos telhados das casas. Estes sistemas de captação são utilizados até hoje numa prova material da continuidade que caracteriza as casas de fazenda sertanejas.

Figura 8- Desenho das implantações das casas das Duas Barras, São Pedro e Coruja.



Fonte: Desenho do autor.

Outro aspecto comum nas implantações (fig 7) das casas pesquisadas é a dispersão das construções no terreno, uma constante nas fazendas pesquisadas. Lemos (1989) atribui esta característica, à uma influência do norte de Portugal, já que no sul daquele país as construções tendem a ficar todas concentradas embaixo de um mesmo telhado. Acreditamos que a própria natureza da atividade da criação de gado, além das condições climáticas, apontam para soluções das construções espalhadas no terreno. A proximidade exagerada entre os currais e as moradias é indesejada pelas condições de higiene incompatíveis, além do clima seco facilitar as circulações entre as construções.

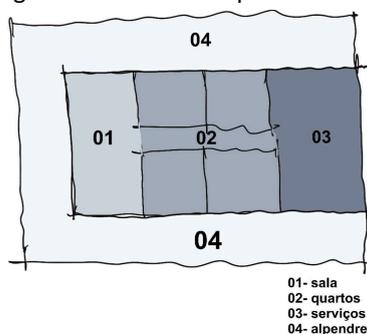
As áreas mais altas do terreno eram procuradas para implantação das casas sede por proporcionar uma visão desimpedida da propriedade e das vias de acesso. A presença do “terreiro” à frente da casa tem o mesmo objetivo, liberar as vistas.

Os acessos, são outro aspecto definidor da implantação: as casas estudadas têm sempre a frente voltada para a estrada de acesso, independente da orientação solar e ventilação dominante.

### 3.3 Zoneamento Interno

As casas pesquisadas apresentam um zoneamento interno bem semelhante, uma sala frontal para receber pessoas de fora, um corredor central onde se distribuem os quartos e as alcovas e ao fundo banheiro e cozinha com a sala de refeições. Os Alpendres, que foram acrescentados no decorrer do tempo, cercam a casa, criando uma sombra protetora e funcionando como transição exterior e interior. Os banheiros, originalmente localizados na parte externa da casa, foram incorporados ao corpo principal em reformas. Atualmente, os banheiros tornaram-se mais numerosos, tendo, inclusive, suites em algumas das casas pesquisadas.

Figura 9 - Desenho da planta modelo



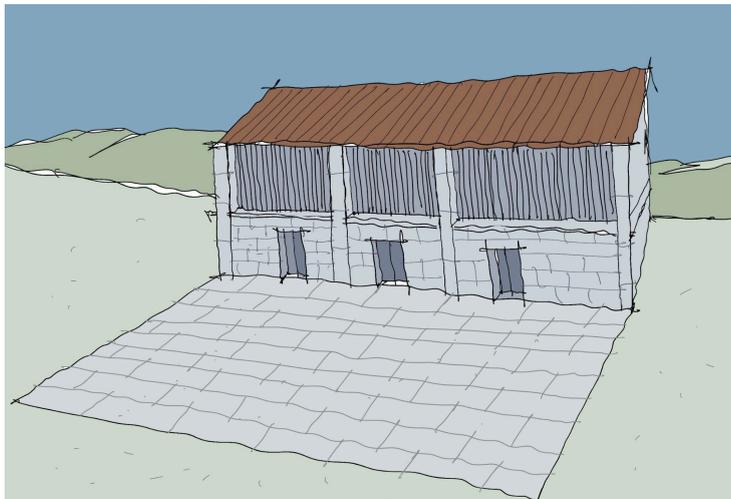
Fonte: Desenho do autor.

### 3.4 O terreiro

O terreiro da casa sertaneja é possivelmente uma herança portuguesa. Nas propriedades rurais do norte português existem o beiral e a eira<sup>6</sup>. O beiral é composto por um espaço fechado no térreo e um sobrado normalmente com fechamento em madeira vazada, o que permite a ventilação do cereal armazenado. Já a eira, que vem da palavra latina “area”, é um espaço de terra batida ou revestida de pedra onde se malhavam, trilhavam, limpavam e secavam os cereais antes do armazenamento (fig.9). Além disso, a eira também era usada para encontros ou até mesmo festas.

<sup>6</sup> Destas construções características das propriedades rurais portuguesas vem a expressão “sem eira nem beira”, ou seja, não possui nada, é pobre.

Figura 10 - Beiral e eira do norte de Portugal



Fonte: Desenho do autor.

O terreiro é um espaço característico das casas sertanejas, suas dimensões variam proporcionalmente ao tamanho das casas e geralmente, se localizam na fachada principal da casa. No caso de uma casa sede de fazenda, o terreiro funciona como um espaço de concentração e dispersão para toda a fazenda, todos que chegam e que partem o fazem a partir dele. Para ele, se voltam além da casa sede, oficinas, currais e armazéns. No terreiro não existe vegetação para garantir os visuais livres, para que se veja ao longe, quem chega e quem parte (fig.10).

O terreiro pode ser também um espaço de trocas culturais, assim como nos fala Ana Rita Suassuna do terreiro da fazenda São Pedro:

(...)eventos culturais da escola eram feitos no terreiro da frente, os cantadores, repentistas que eram acostumados a frequentar nossa casa também usavam este espaço porque dava acesso a muito mais gente, dança de coco, as cantadoras, mesmo celebrações de caráter religioso eram feitas lá nesse terreiro (Suassuna)<sup>7</sup>

Figura 11 - Foto terreiro da casa sede fazenda Duas Barras



Fonte: Foto do autor.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uqKz2F7m6p0>>. Acesso em 13 de maio 2024.

### 3.5 O alpendre

O alpendre é um elemento que se repete em todas casas pesquisadas sendo a sede da fazenda Bonfim a única exceção, vamos fazer aqui uma distinção entre o terraço e o alpendre, consideramos o alpendre como uma peça autônoma a construção e o terraço um prolongamento do telhado da mesma<sup>8</sup>. Pelos depoimentos colhidos e observações empíricas, muitas das casas foram reformadas para criação desses alpendres. As primeiras casas sertanejas não possuíam alpendres, influenciadas pelo modelo das cidades e por questões de segurança. A casa tinha uma definição clara do dentro e do fora. Com o tempo, o alpendre surgiu como uma evolução natural, tornando a casa mais receptiva ao visitante, como defende Castelo:

No princípio, o estrangeiro ficava à margem. Mais tarde, surge o alpendre para aproximá-lo da casa. Antes, dormia ao relento, a rede ao abrigo das árvores. O alpendre tanto o aproxima quanto o detém. É o “fora-dentro” da casa, portanto, não a integra. Somente quando o pastoreio cede espaço à agricultura, os alpendres terão a serventia alargada no trato do proprietário com os que cultivam a terra. (Castello, 2006.p.12)

Estas áreas terraceadas funcionam como espaço de transição entre o exterior e o interior das casas. Lucio Costa já apontava a importância do alpendre na casa brasileira:

(...) embora se fale tanto na luminosidade do nosso céu na claridade excessiva dos nossos dias etc. O fato é que as varandas, quando bem orientadas, são o melhor lugar que as nossas casas têm para se ficar, e o que é a varanda, afinal senão uma sala completamente aberta? (Costa, 1993. p. 92)

No sertão do Pajeú, no entanto, o clima nem sempre torna o alpendre um ambiente agradável, num clima quente e seco, a radiação solar da tarde e o vento seco faz com que as pessoas se refugiam nos interiores das casas que guardam a umidade noturna.

Ariano Suassuna, que viveu a infância entre a região do Pajeú pernambucano e o vizinho Cariri paraibano, dizia que as árvores não cresciam muito no sertão e por isso não possuíam grandes copas, assim, os terraços sertanejos também seriam curtos. Esse pensamento é uma interpretação poética da arquitetura popular, porém, muitas vezes, as “decisões” da arquitetura vernacular acontecem assim, usando referências da natureza.

A fazenda Coruja é um exemplo que ilustra esta evolução das casas oitocentistas sertanejas: construída na primeira dos novecentos, passou por uma reforma na década de 1940, onde foi construído um alpendre que circunda três fachadas da casa. Foi criada também uma platibanda que esconde o telhado original da casa em duas águas. A planta, no entanto, não sofreu modificações(fig. 11).

---

<sup>8</sup> Segundo Lemos(1989), o alpendre “é o telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e que é apoiado em sua extremidade por colunas, tendo por função precípua fazer sombra à construção, evitando que se acumule na alvenaria o calor do sol - refrescando, assim, os interiores”.

Figura 12 - Foto fazenda Coruja. Imagem anterior a reforma da década de quarenta, o alpendre suaviza e horizontaliza o volume da casa.



Fonte: acervo da família e foto do autor.

### 3.6 A sala de visitas

A sala da frente era reservada para ocasiões especiais, para recepcionar as visitas não usuais. No dia a dia a circulação diária se fazia por outros ambientes, mantendo essa sala fechada. Assim acontecia nas Duas Barras, na São Pedro e na Bonfim por exemplo, a circulação acontecia pelas salas de refeição. O mobiliário desta sala era composto por poltronas e sofás com encostos verticais, mantendo uma postura ereta. Os poucos objetos de decoração encontrados nesses ambientes são geralmente imagens religiosas e retratos dos antepassados(fig.13).

Figura 13 - Fotos das salas da frente das fazendas Coruja, São Pedro e Duas Barras.



Fonte: fotos do autor.

### 3.7 A Cozinha

Os partidos arquitetônicos das casas rurais estudadas têm em comum a localização das cozinhas nos fundos das casas, segundo Lemos (1989), essa foi a primeira diferenciação da casa brasileira da casa portuguesa. Em Portugal o “fogo” irradiador de calor é o ponto central da casa, na colônia dos trópicos este calor é, obviamente, indesejado. Daí que a cozinha brasileira era externa ao corpo principal da casa, muitas vezes embaixo de árvores ou em improvisadas construções anexas.

Uma explicação fácil é essa: o branco europeu, acostumado ao fogão como centro de interesse da casa, aqui nos trópicos não suportou o calor da cozinha expulsando-a para longe, atitude facilitada e até justificada pela presença do escravo solícito (Lemos,1989. p.

19)

As casas sede possuíam mais de uma cozinha; a primeira mais próxima da sala de refeição era composta de fogão de carvão, uma pia, um moedor manual, fixado no chão, utilizado para moer milho e carne, potes de barro para água de beber, prateleiras e suportes para panelas que ficavam expostas. Outra cozinha era utilizada para o preparo do queijo e outros preparos mais demorados como os doces. Esta segunda cozinha também utilizava o carvão, com fogão para panelas maiores. As panelas eram levadas para o quintal para serem areadas, no processo primitivo se utilizava a areia e as vezes suco de limão. Havia ainda um depósito, ligado diretamente a cozinha, onde se guardava sacos de grãos secos, o queijo, a rapadura e carnes secas penduradas em ganchos.

Como vimos, o espaço da cozinha nestas casas tinha uma grande importância, além do aspecto prático da alimentação, era o espaço mais democrático da casa, onde todos se reuniam, onde se trocavam experiências e se perpetuavam histórias da tradição oral. Era a cozinha, não a sala de estar ou mesmo o alpendre, o centro da vida dessas casas.

### 3.7 O banheiro

Nada é mais curioso do que a questão suscitada pela ausência, nas casas antigas, de certa dependência necessária. É próprio do tempo. Já Versalhes se ressentia da mesma falta. A solução era dada como em toda a parte: transportando-se certo móvel de um cômodo para outro, ou reservando-se um quarto para tal fim. (Rodrigues, 1945. p. 166)

Como aponta Rodrigues os espaços dedicados à higiene pessoal simplesmente não existiam nas casas antigas dos sertões, eram construções externas e precárias. Com o decorrer do tempo, as casas sofreram reformas para incorporarem os banheiros ao corpo principal da casa (fig.14). Questões técnicas e culturais influenciaram nesta mudança, por um lado o esgotamento sanitário e os sistemas hidráulicos evoluíram, por outro, as mentalidades pararam de associar os banheiros ao mau cheiro e à sujeira. Atualmente, várias dessas casas chegam a ter suítes, situação inimaginável quando da sua construção.

Figura 14 - Foto de banheiro afastado do corpo da casa, fazenda Coruja.



Foto: Foto do autor.

### 3.8 Aspectos construtivos e materiais

Do ponto de vista construtivo, as casas pesquisadas utilizam os mesmos materiais e as mesmas técnicas construtivas. As fundações são sempre diretas, fundação direta é um tipo de fundação em que as cargas são transmitidas ao terreno através da base dos elementos estruturais, no caso as alvenarias. Foram observadas fundações tanto em pedra natural (Duas Barras) como em adobe (Bonfim). Podemos atribuir a escolha de uma ou outra fundação a simplesmente a presença do material no local da construção, nas Duas Barras ou na São Pedro por exemplo se observa

aflorações de pedra na paisagem. A opção dentro da lógica vernacular, funciona dentro das opções que a natureza do lugar oferece, são os materiais disponíveis que dão forma às construções.

Figura 15 - Fotos fundações em pedra da fazenda Duas Barras e adobe da fazenda Bonfim



Foto: Fotos do autor.

As paredes, tanto as externas quanto as divisórias, são em adobe. As espessuras das paredes externas são resultado da altura e dos esforços estruturais, não existindo nenhuma preocupação ambiental de isolamento das temperaturas externas, como muitas vezes se fala. Lúcio Costa, no seu livro "Arquitetura", demonstra isso comparando as diversas técnicas construtivas, como as paredes entaipadas e de tijolos, evidenciando que, antes de mais nada, as espessuras de paredes são resultado das necessidades estruturais.

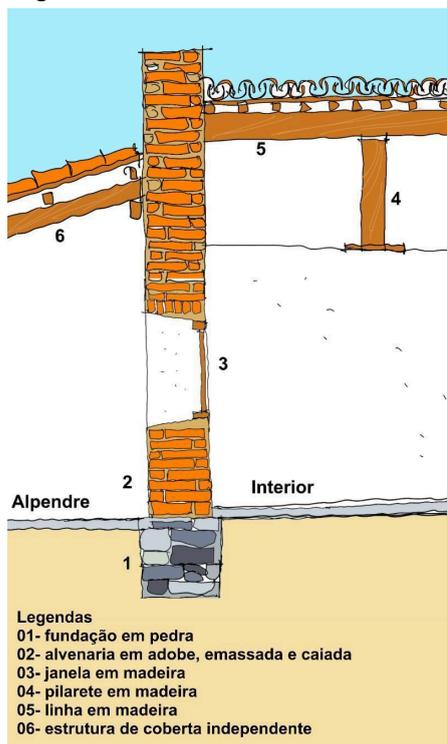
Figura 16 - Foto cobertura fazenda São Pedro, pilaretes suportando terças, caibros e ripas



Fonte: foto do autor.

As estruturas da cobertas são em madeira, todas com pilaretes apoiados nas paredes divisórias. Esses pilaretes apoiam terças estruturais que, por sua vez, suportam caibros, ripas e telhas cerâmicas. Não vimos nas moradias pesquisadas nenhuma tesoura estrutural, apesar delas existirem em estruturas adjacentes às casas, como por exemplo nos currais das Duas Barras. Isto demonstra uma opção deliberada pela estrutura de pilaretes, já que outras soluções estruturais eram conhecidas.

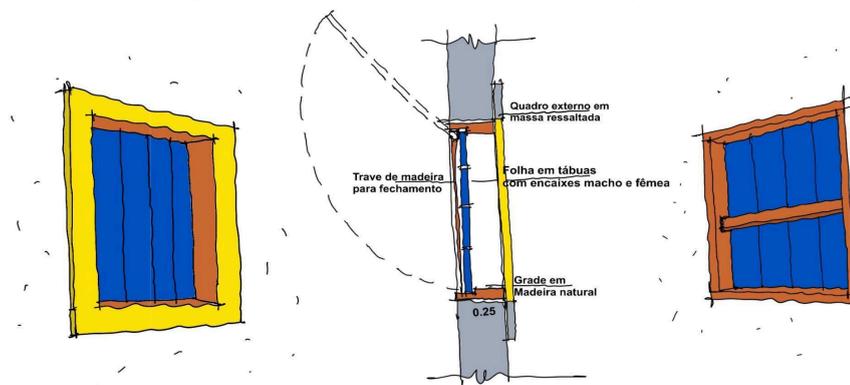
Figura 17 - Desenho corte estrutural



Fonte: Desenho do autor

As esquadrias, portas e janelas, são todas, com exceção da fazenda Duas Barras, em madeira maciça com acabamento em pintura.

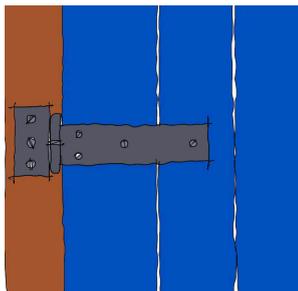
Figura 18 - Desenho janela fazenda São Pedro, vista externa, planta e vista interna



Fonte: Desenho do autor.

O fechamento, normalmente, acontece com traves de madeira encaixados nas paredes laterais, dispensando fechaduras. As dobradiças são muito rudimentares, em metal (fig. 18).

Figura 19 - dobradiça metálica



Fonte: Desenho do autor.

Em três das cinco casas estudadas existe a mesma composição de cores: azul escuro na pintura de portas e janelas, amarelo na moldura ressaltada na parte externa e cal branca nas paredes.

Figura 20 - Foto janelas São Pedro, Santa Fé e Coruja. Branco, amarelo e azul.



Fonte: Foto do autor.

Outra característica em comum é a divisão das portas em duas folhas horizontais, a “porta e janela”, resultando no artifício de se estar aberto e fechado ao mesmo tempo, mantendo a vista e ventilação e ao mesmo tempo evitando a entrada de pequenos animais e resguardando o interior das casas.

Os pisos, em sua grande maioria, são em cimento queimado, às únicas exceções são os pisos em ladrilhos hidráulicos encontrados em algumas salas ou banheiros.

### 3.9 Interiores e artefatos de uso doméstico

Podemos considerar a visita às casas de fazenda do Pajeú, como uma viagem no tempo. Tendo em vista que elas continuam a existir em relativo isolamento, se sobressai uma sensação de que o tempo parou nessas casas, algumas tecnologias são pouco a pouco incorporadas, como a internet ou a presença do fogão a gás. Percebemos uma profunda relação entre o mobiliário, os artefatos de uso domésticos e o estilo de vida, isto faz com que nada pareça faltar e nada seja supérfluo. Lucio Costa identificou bem este estado de coisas quando descreve a casa brasileira dos colonos do Brasil:

Essa sobriedade mobiliária dos primeiros colonos se manteve depois como uma das características da casa brasileira. Mesmo porque, como já se lembrou muito a propósito, o clima o mais das vezes quente da colônia, o uso das redes em certas regiões e o costume tão generalizado de sentar-se sobre esteiras, no chão, não estimulavam o aconchego dos interiores nem os arranjos supérfluos ou de aparato. Quanto menos coisa, melhor, para

não atravancar inútilmente os aposentos. (Costa, 1939. p. 151)

Existe pouquíssima presença dos têxteis nos interiores, cortinas, carpetes ou tapetes, a única exceção são as redes, usadas para o repouso ou mesmo para a dormida noturna. Esta característica, por um lado torna os ambientes internos das casas mais “duros”, por outro lado, são práticos para a limpeza e adaptados ao clima seco da região. Como Costa destacou no comentário acima “quanto menos coisa, melhor...”.

Figura 21 - Foto sala de estar da fazenda Coruja, quarto da fazenda São Pedro.



Fonte: Foto do autor.

Um elemento dos interiores que se repetem nas casas pesquisadas, é a presença de retratos dos antepassados numa parede, às vezes ladeados com imagens religiosas, como na fazenda Duas Barras, são imagens de várias épocas onde se constroi muitas vezes uma árvore genealógica da família. Na fazenda São Pedro, por exemplo, seis gerações se encontram representadas nas paredes.

O isolamento em que viviam estas fazendas fazia com que o mobiliário da casa, em sua grande maioria, fosse constituído por heranças sucessivas, que com o passar do tempo, terminava por criar um acervo que atravessava gerações. As possibilidades de compra de mobiliário eram bastante limitadas, comprar um móvel usado, que pertenceu a outra família, era visto como algo “sem estilo”, vulgar.

Figura 22 - Marquesa e genuflexório em cedro da fazenda São Pedro



Fonte: Fotos do autor

As colchas de retalhos, sempre presente nos depoimentos, eram usadas como cobertura das camas. É um exemplo do reaproveitamento de restos de materiais que numa sociedade moderna de consumo iria para o lixo.

Figura 23 - Foto de trecho de uma colcha de retalhos, exemplo de reaproveitamento de sobras de tecidos, e uma colcha em chita, tradições sertanejas.



Fonte: Acervo fazenda Duas Barras e acervo fazenda São Pedro.

Lina Bo Bardi, no livro *Tempos de Grossura*, captou bem o espírito desta sociedade acostumada com a escassez:

Lâmpadas queimadas, recortes de tecidos, latas de lubrificantes, caixas velhas e jornais. Cada objeto risca o limite do "nada" da miséria. Esse limite e a contínua e martelada presença do "útil e necessário" é que constituem o valor desta produção, sua poética das coisas humanas não gratuitas, não criadas pela mera fantasia. E neste sentido de moderna realidade que apresentamos criticamente esta exposição. Como exemplo de simplificação direta de formas cheias de eletricidade vital. (Bo Bardi, 1996, p.35 )

O mobiliário se caracteriza pelo uso da madeira como principal material e por não terem em sua grande maioria um "estilo" definido. São móveis difíceis de datar, que são utilizados por várias gerações, passando por restaurações e reformas ao longo do tempo. Algumas peças tem um uso muito flexível como o tamborete, que além de assento serve como mesa de cabeceira, apoio para plantas e até como mesa em banheiros. A cama patente foi possivelmente a peça mais vista nas casas pesquisadas, aparecendo em vários modelos e em estado de conservação variados<sup>9</sup>. É um bom exemplo da longevidade que um móvel bem construído pode ter (fig. 23).

<sup>9</sup> A cama patente foi desenhada e fabricada pelo espanhol radicado em São Paulo Celso Martinez Carrera, em 1915, é um marco na história do mobiliário brasileiro.

Figura 24 - Camas Patente das fazenda São Pedro, Duas Barras e Coruja.



Fonte: Fotos do autor

#### 4 A experiência de morar no sertão do Pajeú

As casas sede são os traços visíveis da paisagem, mas, por trás dela, há relações sociais que foram tecidas silenciosamente e se apresentam na culinária, nas festas, nos encontros, na maneira de pensar o mundo

A partir de entrevistas com moradores, ex-moradores e funcionários das moradias levantamos o cotidiano da vida no sertão do Pajeú.

O dia começa cedo no sertão, antes das 5 horas da manhã as pessoas já estão de pé, a primeira refeição do dia se faz cedo, e é como todas as outras baseadas em produtos da própria fazenda e da sazonalidade. O cuscuz, leite, iogurte, coalhada, queijo de coalho e de manteiga, requeijão, café, manteiga de garrafa, ovos e dependendo da época do ano as diversas comidas de milho. No almoço é basicamente “arroz, feijão e carne” como Ana Maria da fazenda São Pedro diz. O feijão de corda, como de costume na região, é o mais consumido e o arroz (branco ou da terra) é muitas vezes cozido no leite. A proteína pode ser carne de carneiro, bode ou carne bovina.

A sazonalidade é uma das principais características de uma alimentação baseada na produção da terra, conforme as safras, conforme a chuva, a alimentação se adapta.

Ana Rita Dantas Suassuna, ex moradora da fazenda São Pedro relembra a sua infância na fazenda São Pedro em depoimento ao Museu da Casa Brasileira em 2021, falando de suas lembranças:

Essa casa marcou muito minha vida, tenho lembranças preciosas em todas todas as coisas que aconteciam lá, inclusive com relação à memória gustativa. A gente aproveitava pra comer a farofa de queijo de manteiga na cozinha do queijo, também dá água na boca quando me lembro dos sucrilhos de goma que eram feitos com ajuda das crianças, essa foi a casa dos meus sentimentos”.(Suassuna, 2021)<sup>10</sup>

O armazenamento dos alimentos era feito em uma grande despensa, onde ficavam os queijos em fôrmas de madeira, cobertos por panos; carne salgada pendurada em ganchos no teto; as geleias e doces de frutas. Sacos de tecidos com milho, farinha e feijão. O clima sertanejo, muito seco – em torno dos 50% em grande parte do ano –, favorece a conservação dos alimentos secos. A presença do pão era rara, não fazendo parte do dia a dia alimentar das famílias. A água, para beber ao longo do dia, era armazenada em potes de barro, que a mantinham fresca durante todo o dia.

<sup>10</sup> Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uqKz2F7m6p0>>. Acesso em 13 de maio 2024.

Na cozinha, centro vital da casa, aparece um importante aspecto da identidade sertaneja, na fazenda Duas Barras, por exemplo, a cozinheira era tratada como “comadre” pela dona da casa e por “madrinha” pelas filhas destas. Criando uma ambivalência nas relações sociais, essas situações são apontadas por Gilberto Freyre (1989) em várias obras sobre o Nordeste, em que o rígido patriarcalismo convive com as relações “familiares” entre empregados e empregadores, os contratos de trabalho são secundários e os favores “adoçam” as relações. Essa dinâmica social subsiste até hoje nos sertões.

Uma característica de uma fazenda isolada é a independência, as fontes de energia, por exemplo, vinham da fazenda: o carvão vegetal, usado na cozinha e na produção do queijo, era produzido nos fornos da própria fazenda para comercialização e uso próprio. Um catavento puxava a água de um poço que alimentava a sede e o curral. Os materiais utilizados na construção também eram

O estilo de vida dos atuais moradores ainda guarda, até hoje, uma harmonia com o espaço arquitetônico, o mobiliário e os objetos de uso cotidiano. Isso acontece de maneira natural, sem nenhuma busca artificial por outro tempo ou de uma maneira de viver arcaica.

## 5 Considerações finais

A casa sede das fazendas do Pajeú é resultado da evolução, já em território brasileiro, da casa medieval portuguesa, transplantada para os trópicos junto com os primeiros imigrantes. Essas primeiras casas, extremamente simplificadas, guardavam das casas portuguesas os métodos construtivos tradicionais ibéricos, como as fundações de pedras, superfícies de fechamento em tijolos e coberturas em madeira e telha cerâmicas. Essa casa era também “cristã”, tinha divisórias internas que garantia a privacidade através das divisões internas dos ambientes, diferentemente das ocas indígenas, por exemplo.

Nos sertões, numa economia de escassez, a forma da casa rural assumiu a forma de uma caixa com poucas aberturas, para resistir às intempéries climáticas e garantir a segurança dos moradores. Sem adornos ou maneirismo da casa urbana. Outro aspecto diferenciador destas casas era o fato de serem “soltas” no terreno, as casas citadinas eram “entaladas” num lote urbano, as casas de fazenda precisaram desenvolver uma nova volumetria já que tinham 4 fachadas e não só a frontal.

Campelo aponta, sobre a fragilidade das primeiras casas rurais dos sertões, “...nossas construções antigas eram em geral singelas, com utilização de técnicas elementares e materiais precários. Eram de taipa, madeira e telhas de barro, estando expostas à agressividade do meio tropical” (Campelo, 2015, p. 125) dessas casas infelizmente nada restou. A partir do século XIX, com a adoção da alvenaria de adobe, as casas passaram a durar mais, com alguns exemplares chegando até os dias atuais. Nos anos 1900 estas casas evoluíram para uma maior generosidade, um “amolecimento”, como comentava Gilberto Freyre a respeito da casa brasileira em relação a casa portuguesa, ganhando os alpendres e com ele uma sombra para os visitantes, tornando-se mais amistosa e tropical.

Conseguimos, ao fim da pesquisa, identificar um parentesco, uma familiaridade, entre as casas analisadas, seja nos alpendres que envolvem a casa, nos sistemas construtivos e materiais ou mesmo na planta retangular com zoneamento interno muito similar. Isto nos faz acreditar na existência de um modelo<sup>11</sup> que foi adotado na região nos anos 1900.

---

<sup>11</sup>Como definiu Rapoport: “...o modelo é o resultado da colaboração de muitas pessoas ao longo de muitas gerações, bem como da colaboração entre quem constroi e quem utiliza os edifícios, que é o que significa o termo “tradicional”. Como todos conhecem o modelo, não há necessidade de desenhadores. A casa

O modelo das casas sede dos 1900, são resultado da maturação e do amálgama da arquitetura erudita vinda de Portugal e a contribuição popular dos mestres e artesãos sertanejos. Talvez não seja possível delimitar a extensão dessas contribuições, o desenvolvimento deste modelo aconteceu como uma via de mão dupla, em constante troca entre os modelos eruditos e o uso popular. Nesta arquitetura menos pretensiosa, sem fingimentos, é possível observar através das soluções, tão diretas, a compatibilidade entre a forma plástica resultante e os materiais e técnicas construtivas.

A principal característica do mobiliário destas casas é o uso através de gerações dos mesmos móveis, isso só é possível por este mobiliário ser bem construído e ter a madeira como material principal. A grande maioria dos móveis duram vinte, trinta anos sem manutenção, feito completamente impossível para uma mobília industrializada.

Uma questão que se coloca é se este modelo de casa continua válido como moradia nos dias atuais? É conhecido que muitas formas arcaicas de moradia respondem tão bem ou muitas vezes melhor, às necessidades contemporâneas. As cidades medievais europeias oferecem moradia de melhor qualidade no seu centro histórico que os conjuntos habitacionais construídos na sua periferia, por exemplo. Algumas das casas analisadas nesta pesquisa continuam habitadas e, ao visitá-las, é possível sentir uma coerência entre a arquitetura, o mobiliário, os objetos de uso doméstico e a vida cotidiana dos moradores.

Existem, por outro lado, mudanças no estilo de vida e mesmo nos valores das pessoas. Muitos proprietários de fazenda optam por viver na cidade devido a facilidade de deslocamento que as novas estradas e os automóveis proporcionam. As famílias são menores, o estilo de vida mais prático. Os modelos tradicionais de construção sofrem influência de ofertas industriais de baixo custo e da cultura de massas de maneira geral, que concorrem para o desaparecimento gradativo das formas tradicionais de construção. Do mesmo modo, o mobiliário executado pela mão de obra local, com madeiras da região, é substituído por móveis de aglomerado de madeira revestidos com laminados melamínicos.

Este artigo não cobre uma parcela significativa das centenas de casas sede novecentistas existentes na região. Acreditamos, no entanto, que dentro do nosso recorte, o levantamento gráfico e fotográfico da arquitetura, do extenso mobiliário, assim como os depoimentos colhidos, possibilitaram uma visão do que foi, e é a vida cotidiana nestas moradias, e como ela se materializou no mobiliário e na arquitetura.

## 6 Referências

ABREU, Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Briguiet, 1930.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

BARDI, Lina Bo. **Tempos de grossura**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1936.

---

pretende ser como todas as casas bem construídas da região. A construção é simples, clara e de fácil compreensão e como todos conhecem as regras, o artesão é chamado apenas porque seu conhecimento é mais detalhado.” (Rapoport, 1969, p.16 )

- COSTA, Lúcio, **Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, N.3, 1939.
- COSTA, Lúcio, **Arquitetura**. São Paulo: José Olympio Editora, 2002.
- COSTA, Lúcio, **Documentação necessária**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 1, p. 31-39, 1937.
- COSTA, Lúcio, **Notas sobre a evolução do mobiliário Luso-Brasileiro**. Rio de Janeiro: Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Número 3, p. 162-171, 1939.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1989.
- FERRAZ, Marilourdes. **O canto do acauã**. Recife: Editora Rodovalho de Guias Especiais, 1985.
- GOMES, Geraldo; PIRES, Fernando Tasso Fragoso. **Antigos Engenhos Do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- LIMA, Nísia Trindade de. **Um sertão chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1999
- LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história" [2001]. Tradução: Wanda Nogueira. São Paulo: Boitempo, 2005.
- PERNAMBUCANO DE MELLO, Frederico. **O ciclo do gado no Nordeste do Brasil**: uma cultura da violência. Recife: Ciência & Trópico. v. 7, n.2, 1979.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- NAVARRO, Eduardo. **Tupi Antigo**. São Paulo: Ed. Global, 2013.
- VICTOR, Adriana; NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O Museu Armorial dos Sertões**. Recife: Acervo Ariano Suassuna, 2021.
- LEMOS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.
- RAPOPORT, Amos. **Vivienda y Cultura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.